

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Desafronta

Em qualquer das suas secções, não é, nem deve ser, «O Comércio do Porto», um reduto de covardes, de injustos, de caluniadores e de ignorantes.

As fidalgas tradições deste jornal põem-no a salvo da descabida torpeza que, — ao alto das duas primeiras colunas do número 112, do «Comércio» da tarde, — irrefragavelmente se cometeu contra mim, pela hervada e inexperiente pena de um *criançaola*, que se arroga o cargo de redactor, e que aproveitou, tal qual um fundibulário de *viela*, atirar-me pedras, traiçoeira e impunemente, tentando sumir-se na treva do anonimato.

O pseudónimo de *Bravo-Jim* não indica ninguém que se afronte *coram me*, no desassombro, temerário e digno, de quem queira arcar com a responsabilidade daqueles malévolos e grosseiros *dislates* que, em 15 períodos, lhe são, insofismavelmente, o atestado cruel de que fez um imundo papel de covarde, de caluniador, de injusto e de ignorante.

Para o leitor ilustrado e crítico, porém, tudo aquilo a flagrante *boutade* de quem tão somente intentou *meter* figura e impôr-se, vaidosa e alarvemente, à inconsciência de muitos, — agradando-lhe perpetrar antes as injustiças mordazes de um insubsistente e envenenado *Zoilo*, do que remeter-se serena e modestamente, aos louváveis intuitos de um severo, mas justo, leal e esclarecido *Aristarco*.

Eu vejo que o fantástico *Bravo-Jim*, — pela filúcia que o seu risível escrito pessoalmente lhe denuncia, — se arroga entre os plumitivos o lugar de supremo *AZ*, quando, afinal, pobre *Icaro*, aproxima-se do astro que lhe derrete as *azas de cera* e o faz cair na formidanda hecatombe da sua colossal e estrondosa *nulidade*!

Bravo-Jim, — havendo-lhe sido cometido o encargo de bem representar o jornal, — sumiu-se pela porta fácil e económica dos convites à imprensa, entrando num banquete de homenagem e de desagravo a uma *personalidade*. Uma vez aí, comeu e bebeu; e chegando ao estado da temulência e da truculência, isto é, uma vez brutal e fanfarrão, começou a ruminar o desprezencioso soneto que ali encontrou e que este jornal hoje publica noutra lugar.

Deve ter sido este impagável *Bravo-Jim* quem, ali mesmo, *gazeltilhou à lá diable* umas baboseiras, amoldando facilmente uma *chapa* antiga à apetecida crítica que queria abocanhar...

Mas o certo é que, insensatamente, conseguiu *meter* certa figura perante os que, — sendo menos competentes ainda do que o improvisado e temulento *gazeltilheiro*, — aproveitam ensejo de associar-se à galhofa!...

Os cães ladram e a caravana passa. Longe estava eu de supôr que o meu soneto, ao dr. Córdova,

va dedicado, havia de marcar a fantasia e provocar os maus humores deste *Bravo-Jim*, que não passa indubitavelmente de um belo exemplar entre tantos em que é fecunda esta terra, vezes sem conta já classificada de alfôbre enorme de críticos asnáticos e pretenciosos!

A disposição periódica do *Chá das Cinco*, de 15 do corrente, — secção em que sou insultado e ofendido, — não é de molde a abonar as pretensões literárias de um profissional da imprensa, e a contextura lógica por *Bravo-Jim* intentada, foca assazmente o portador de um cérebro *pobresinho*, onde predomina uma vacuidade profunda e ininterrompida de qualquer bagagem científica de valor...

Sou antigo e sincero admirador do dr. Alexandre de Córdova, em quem venêro a genial cerebração que o sustem em elevada categoria. Tenho observado nele uns nervos de aço que, como advogado distinto, o tornam o vigoroso patrono dos seus constituintes. E, acima disto tudo, possui ele, ainda, o mais leal, afável e bondoso coração que possa existir em peito de criança.

Realizando-se a sua festa, de consagração e desagravo, concordei gratamente à ela, — e foi bem maldita aquela hora, em que deixei de submeter o meu soneto à opinião insulsa dos *cretinoides* que por cá espontaneamente se geram como os cogumelos: teria assim evitado o destrambelhamento de quem, por educação e temperamento, nem à hora das cinco mostra beber chá, hora essa em que ele, ao publicar os seus escritos nega quaisquer primores de urbanidade!

Decência jornalística não tem nenhuma. O seu ardor satírico e a sua indomável ância de maldosa crítica são *faiscas* que ressaltam de um grande fôgo... mas fôgo este que se apaga logo que se lhe sopra em cima...

Ora vamos:
Bravo-Jim alcunha-me de *mau amigo, falso amigo, traidor na primeira ocasião, denunciante no primeiro momento, companheiro que deserta em qualquer altura, censor que sujeita os amigos, em público, a críticas acérbas e desleais, maldicente à meza dos cafés,louvaminheiro descabido e disfarçado assim de lograr a atenção das outras pessoas, etc.*, e, a seguir, diz que, num banquete de homenagem, um destes «amigos» dedicou uns versos ao homenageado, versos que *catedraticamente* classifica dos piores que se tem escrito por esse mundo fora, «filhos de um *obnubilado*», pedação este que do soneto transcreve para amostra, e, em seguida, pergunta *imbecilmente*:

— «Com que direito um «amigo» se permite, num momento de desagravo, agravar, *de novo*, o seu amigo, dedicando-lhe, *assinando-os* e tornando os públicos, versos tais?»

E remata, num gesto de facundia que lhe *estira no cérebro*:
«Falsos amigos... *amicus est nunc!*»

O depravado e invejoso rancor deste *lindo exemplar de profissional* da imprensa diária corre parelhas com a sua atrevidíssima ignorância!!

Eu teria, — para bem focar este *Zoilo* em toda a sua mórbida grandeza, — de encher muitas dezenas de linguados, e, como não o posso fazer, porque o trabalho me absorve o tempo, vou resumir a minha defeza.

E' forçada e muito *sua* a noção, que *Bravo-Jim* tem do que sejam os amigos... e não sei em que pode ele fundar-se para, *partindo da leitura do meu soneto*, classificar-me do *pior dos inimigos*, vindo depois, caluniosamente, apresentar-me na imprensa como a mais perigosa creatura onde cabem todos os degradantes epítetos, de *falso amigo* para baixo e de *denunciante* para cima!

Não sei como o dr. Alexandre de Córdova e todos os meus excelentes amigos não cortaram ainda as suas relações comigo! Eu vejo-me em face da malévola diatribe do redactor do «Comércio», no direito de chamá-lo aos tribunais e de exigir-lhe a congruente indemnização de *perdas e danos*, que o aguçado ferrete da sua má língua poderá causar-me...

Como se explica que o meu bem intencionado soneto tenha feito com que *Bravo-Jim* *coriscasse*, da boca para fora, o fogo de tanta vesânia e esvurmasse da sua pena tanta bilis?!

Dentro da sala do banquete, onde, — em momento de desagravo e consagração, — só reinava a maior solidariedade e o maior e mais pacífico respeito, o meu pobre soneto impresso era ali o melhor expoente do acatamento e da admiração por parte de um conviva ali presente que tomou o seu lugar para engrandecer e honrar um grande e precioso amigo.

Bravo-Jim cuida, decerto, que a minha ideia não foi aprovada pela esclarecida comissão e que os meus versos não foram à censura de alguém que pertencendo a essa comissão, é grande latinista e poeta muito distinto...

E, quanto ao meu possível valor científico e literário, o meu censor conhece-me? sabe de que estudos disponho? e avalia da minha experiência em múltiplas viagens e por diversos países da Europa?

Sabe lá se eu sou capaz de fazer-lhe pagar caro a temeridade, em sonetos lapidares, duma sátira mordente, justa e... interminável, castigando-lhe a sua ousadia e os seus pedantéticos ridiculos??

Tivesse eu tempo e menos necessidade de laborar honradamente o meu sustento...

Faria cair o *espantallo* aos olhos de todos.

Assim...

O meu soneto, cujas duas quadras assentam à maravilha na

Bibendum est nuno...

No banquete de homenagem e de desagravo ao Dr. Alexandre de Córdova.

*Adornada de púrpura e brocado,
A vaidade é histriónica loucura,
Filha de um intelecto obnubilado
Pela ignorância mais ousada e dura.*

*Quam ridícula, pois, a van figura
De um mau bedel, em Lente transformado,
Cuja arrogância, criminosa e escura,
Punida foi num gesto alevantado!*

*A Alexandre de Córdova, ofendido,
Exorna-o a honradez dominadora —
Que de todos o torna estremeado...*

*A negra infâmia, — sórdida e traidora, —
Desfez-se ante o seu génio decidido...
— Géneo de uma alma onde há o esplendor d'aurora!*

13-5-929.

COSTA GUIMARÃES.

discutível personalidade do meu censor, — se não é genial como eu desejaria e o momento solene o reclamava, — é todavia literariamente decente e decentemente perfeito. Tenho mesmo a presunção de que o meu censor não faria coisa equivalente, — sendo certo que, havendo-o ele *abocanhado*, não veio *públicamente apontar-lhe um único aleijão!*

Apenas lhe fez espécie o latim e o particípio *obnubilado*... Um conselho, *Bravo-Jim*: limite-se a olhar para estas coisas como um boi para um palácio. Não mecha naquilo que não sabe para não fazer fraca figura...

Há muitos anos que eu já sabia da *composição das palavras por meio de proposições monossilábicas*. Estes prefixos componentes são vários e, entre eles, *ob* significa: *de frente, por cima, ao lado de*. — *Obducere, ob-ambulare, ob-nubilare*, etc.

A lição poderia ser extensa, mas não há espaço e o discípulo já não está em idade de aprender.

Obnubilare, termo usado vernaculamente por *Campos Monteiro* e por diversos literatos, foi por mim levado em primeira mão aos virginais ouvidos de *Bravo-Jim*, sem o mais leve lucro que não seja o da *ingratidão!* O título do soneto — *Bibendum est nunc*... foi também *estropeado* pela *ignorância* do meu censor que, querendo afirmar que eu, *amigo não o era «nunca»*, — pois me apoda, no seu arrasado, de *falso amigo*, — parodiou ignarmente: *amicus est «nunc»*; e é assim que parvamente *êle intitula e acaba* o dito *arrasado*, sendo também certo que numa das últimas noites, e próximo do Banco Nacional Ultramarino, *êle gritava* — galhofeiro e *alarve*, para um seu colega profissional, aquela mal amanhada paródia!

A ignorância, sempre acompanhada da *vaidade* e do *orgulho*, é a noite do espirito, — é a mais ridícula vacuidade mental, que leva o ignorante às mais ridículas emergências...

O senhor *Bravo-Jim* cuidou que em latim *nunc* significa *nunca*, e, afinal, pretendeu com o *amicus est nunc* dizer que eu *nunca* sou amigo, quando é certo que aquilo quer dizer: amigo é *agora*.

— *Nunc* significa rigorosamente: *agora*.

Demonstrado fica, pois, que o título do soneto

Bibendum est nunc... está maravilhosamente aplicado, pois quer dizer:

Deve beber-se agora... Sim! Na brilhante e apoteótica consagração, que se levava a efeito, era a melhor ocasião para se bradar, *à moda romana*:

Bibendum est nunc!
Levantemos *agora* a taça!
Já Horácio, — numa das suas odes e para celebrar a vitória d'*Actium*, — disse: *por ordem* diversa, mas que é gramaticalmente a mesma coisa:

Nunc est bibendum... para significar que:

E' *agora* o momento solene de beber, de saudar, de celebrar, o sucesso que se desejava engrandecer e louvar...

Ah!... que, se ao menos o *nasce te ipsum* fôsse um preceito bem respeitado por tanto *maduro* da imprensa, não teria eu o desgracioso ensejo de ser insultado e ofendido pela pedantética insolência, — balôfa e temerária, — deste *Bravo-Jim*, que é mister ensinar de férula em punho, para que aprenda o que supinamente ignora e não volte mais de envolto com a histriónica figura que fez, a ofender em público as pessoas de bem.

Que apareça sempre, nos banquetes e em toda a parte, *desobnubilado* das sombras da ignorância, e então será delicado, respeitador e admirado por quem, como eu, só tem a louvável pretensão de *acatar* e ser *útil* a quem o merece.

Sou *amigo sincero*, ao contrário da calúnia de *Bravo-Jim*, até nas ocasiões incertas, porque entendo que:

Amicus certus in re incerta cer-

nitur. Não sou inimigo de ninguém e só lamento que os meus despretenciosos versos me tenham grangeado um inimigo.

E' o primeiro e único. Mil amigos, se eu os tivesse, seriam poucos, mas um inimigo é muitíssimo!

No entanto, eu observo a *Bravo-Jim* que, — se amigo que não presta e faça que não corta, — se percam pouco importa, é todavia certo não serem os inimigos inteiramente desprezíveis, nem os mais desvaliosos amigos inteiramente inúteis. . .

Coloco-o a si na primeira plana, — e espero que me repunte generosamente entre os últimos. E. . . até breve.

Costa Guimarães.

Nota do autor — Dizem-me que o criptónimo de *Bravo-Jim* encobre a petulância de um liliputiano das letras, de nome *Barroté Junior*.

Não é pois com uma trave que tenho de arrostar, mas sim com um barrote carcomido e brando, não obstante a indicação do nome atestar que é: mais novo.

Sim, é novíssimo e único na asneira, — ninguém o igualando na incorrecção não só à meza do jantar, como ainda no tablado da imprensa, que ele tam mal serve, arrogando-se um vaidoso calipedismo a tudo quanto exventura. . .

C. G.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Excursão de estudo

Realizaram os alunos da Escola Comercial de «Oliveira Martins» do Pôrto, acompanhados do seu Director e alguns professores, a sua anunciada excursão de estudo a esta cidade, no passado domingo, sendo anciosamente esperados na gare do Caminho de Ferro, pelos numerosos alunos da nossa importante Escola Industrial e Comercial, com o seu estandarte e a Banda dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães.

Entusiasticamente recebidos, entre aclamações vibrantes, dirigiram-se à Escola Industrial de «Francisco de Holanda» onde os aguardavam o seu Director Ex.^{mo} Sr. Abel Cardoso e o professor da mesma Escola Ex.^{mo} Sr. Dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, nossos estimados correligionários.

Uma vez ali, e trocados os cumprimentos do estilo, percorreram com verdadeiro interesse as vastas dependências de tão útil estabelecimento de ensino ficando magnificamente impressionados com a disposição e boa ordem do excelente material didático de que dispõe.

Finda a visita, o Sr. Abel Cardoso agradeceu-lha em palavras encomiásticas, ás quais respondeu o Sr. José Barbosa, illustre director da Escola de «Oliveira Martins».

Usaram também da palavra os alunos Snr. David Braga e Snr. Viarães, respectivamente da nossa Escola e da Escola do Pôrto, sendo oferecido aos alunos da Escola de «Francisco de Holanda» e aposta no seu estandarte, pelos alunos da Escola «Oliveira Martins» uma bela fita de sêda carmezim, acto êste sublinhado com estridentes palmas.

Dali seguiram em visita à Sociedade Martins Sarmiento, cujos museus muito apreciaram, e ao riquíssimo tesouro da Colegiada que vivamente os deslumbrou. Dirigiram-se seguidamente ao Castelo e, depois do almoço que teve lugar no «Hotel do Toural», à soberba montanha da Penha, retirando à tarde sob agradabilíssimas impressões, para Vizela, onde jantaram, retirando para o Pôrto às 21 horas.

COISAS E LOISAS

Vosselencias lembram-se da historia do camponio que se lastimava por não ter dado a saúde á avó pelo mesmo processo porque a deu á mulher?

Pois este pobre diabo, o mesmíssimo da verídica história, acaba de se meter noutra, que bem atesta a sua beócia esperteza.

Um dia destes o nosso homem ouviu no barbeiro a explicação do metodo *Asuero*. Aquilo é um ferro em brasa no nariz e. . . adeus reumatico. Ora o camponio tinha seu pai na cama, ha mêses, com um ataque de reumatismo que o fazia cantar sem dis-co, nem agulha. E dai, de que se havia de lembrar o finório! . . .

Pensa, cogita, os olhos marrados nas pernas da trempe, e, de repente, toma a sua resolução. Senta o pai na cama, deita-lhe a cabeça para trás, e mete-lhe no nariz o cabo de um garfo levado ao rubro. Um grito, um salto, um fueiro a atirar secamente á cabeça do lapuz alveitar e depois, a cura miraculosa: o pai é que o traz agora ao boticario, onde um se trata da cabeça e outro do nariz.

«O bacalhau norueguês é exportado pelo mesmo preço de antes da guerra».

Que me dizem a isto? Nós aqui a pága-lo pelos olhos da cara; nós a vermos o fiel-amigo com pretensão a fidalguia; nós a culpá-lo de traição, e ele, o modesto bacalhau, inocente, cãndido, virgem de toda a culpa!

Inseparavel companheiro em domingueiras *tainas*; indispensavel amigo em familiares festanças, hoje em bolinhos, amanhã em rachas, o modesto bacalhau era o prato de resistencia, o maná do pobre diabo, neste deserto de vida cara. E agora? E' ve-lo por um oculo, na sua ascensão gloriosa, impellido pela cubiça do mercieiro, a caminho da mesa farta dos Cresos.

Contudo, o fiel-amigo sai da origem pelos preços de antes da guerra. Arre, ladrões!

Na catolica Espanha, com tantos frades e freiras, conventos e mosteiros, e com toda a celestial cõrte em acção, são tantos os alejados, os artriticos, os gotosos, etc. etc., como em qualquer outra região onde pontifique Budha, dê cartas Mahomet, ou cante de galo Confucio.

As mesmas doenças, as mesmas miserias, uma constante laboração, a desafiar os olhos indifferentes dos diversos deuses dos varios ceus, das multiplas crenças. Por toda a parte, a mesma ancía de cura, o mesmo desejo de viver, a estender-se em supplicas, em preces, em votos, construindo templos, erguendo altares, esculpindo imagens, em busca de um lenitivo para a dor, de um refrigério para o delirio da desgraça. E as doenças proliferam, e as miserias aumentam, ante os olhos indifferentes dos deuses, quer os invoquem os proseliticos do catolicismo, quer lhes roguem os sequazes de Alah. *De minimis non curat practor*, lá diziam os romanos. E tinham razão. O Olimpo nunca deu fé das abelhas que zumbiam nas suas fraldas. Ora, pois. . .

Como os deuses façam ouvidos de mercador, vai de virar de bordo com rumo aos homens, aos *Asueros*, á sciencia. O resultado é que já nem a policia pode manter a ordem na tribu imensa dos que mendigam saúde á porta dos medicos. De automovel, de carro, de maca; ás dezenas, aos centos, aos milheiros; em S. Sebastião, em Madrid, em Lisboa, o cortejo doloroso dos mazelentos, alastra ululante, consigo matando

o seu desespero e as suas esperanças, desenganados dos santos, confiados na sciencia.

E fica-se a gente a pensar nesta multidão de malditos da vida, de trapos humanos, nados e creados aos olhos dos deuses omnipotentes e misericordiosos; e fica-se a gente a scismar na misericórdia e na omnipotencia divinas, indifferentes a tantas miserias, a tantas dôres, a tantas agonias! Velhos e novos, creanças e adultos, ateus e crentes — nada os distinguu na repartição dos males, todos teem a sua quota parte, o seu quinhão de desventura. E fica-se a gente a sofrer por não poder fazer aquilo que os deuses não *querem* fazer. . .

Mussolini, o ateu declarado que hoje preside aos destinos da Italia, o mesmo a quem a igreja, até ha pouco, não regateava elogios, o do acôrdo de Latráo, está de novo na liça. Desta vez, Mussolini não se portou de modo a merecer os aplausos dos catolicos, antes pelo contrario. Afirmmando a soberania do Estado, o habil politico do oleo de ricino, provocou da parte da igreja romana palavras de reacção, as mesmas palavras de sempre, que em nada condizem com os hinos anteriormente entoados em louvor do fenomenal estadista. Foi, é e ha-de sêr sempre assim: a igreja, mal se lhe dá o pé, salta logo a agarrar-se á mão.

Com que então, vai-se accentuando na politica europeia, a tendencia para as *velhas e velhas* formulas democraticas? Folgamos com o registo do facto, tanto mais de notar por ser afirmado por quem o faz com pena.

O que lastimamos é o infrutuoso trabalho, a inútil canceira, de certos dos nossos intellectuais, que suam as estopinhas a pregar as *novidades* medieavais. Que dirão eles, os alhos, ante a falencia da profecia, ante o êrro do oraculo? E' de esperar que não digam nada. Continuarão a lêr o codigo de Justiniano e os canones, até que possam determinar a latitude e a longitude em que se encontra encantado o desejado, enquanto os desmiolados que os entendem vão esfregando a lingua nas reliquias nacionais com cheiro a liberalismo. São sinas.

A Europa não compreendeu Maurras; a Europa não quer compreender os *maurrasinhos* de celuloide que em nossa terra pululam! Lastimamos o caso, pela esperança — falida esperança — de os vermos figurar, em redomas, na proxima exposição de Sevilha. Então, sim; então é que eram felicitações.

«Grupo da Fouce»

Comemorando a inauguração da sua bandeira, fõram no passado domingo de passeio até á ridente e pitoresca vila de Fafe, os componentes do «Grupo da Fouce» que se fizeram acompanhar por uma bem organizada festada.

Foi-lhes oferecido um delicioso *copo de água*, usando da palavra alguns oradores, sendo pelo Snr. Francisco José Ferreira, colocada no peito do Ex.^{mo} Snr. Patricio Queiroz, como fundador do Grupo, uma artística medalha, como penhor pelos revelantes serviços que a êste tem prestado, tendo alguns oradores enaltecido as suas brilhantes qualidades de trabalho, brindando-se pelas suas felicidades e pelas prosperidades do Grupo. Regressaram a Guimarães, cerca das 21 horas, reinando sempre entre todos a mais cordeal solidariedade. *Fouce Junior*.

Dia a dia

Acabamos de saber que o *pasto do prado* da Praça D. Afonso Henriques vai ser brevemente *arrematado*. Aqui está uma receita que nem tôda a gente era capaz de descobrir! . . .

Dizem-nos que o Largo de S. Francisco só será ajardinado quando as contribuições municipais forem administradas por gente que se interesse pelo embelezamento da nossa cidade.

Assim o pensamos, e assim o deve pensar o snr. Jerónimo Sampaio, que, apesar de inteligente, ainda não reconheceu que *está a bater em ferro frio*.

Na 3.^a feira passada, visitaram a nossa *guarnição militar*, os senhores General Craveiro Lopes e Governador Militar de Vigo. Suas ex.^{as} retiraram bem impressionados.

Vai deixar a Provedoria da Misericórdia desta cidade, o Sr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro.

Que sua ex.^a descance em paz! . . .

Tenente-coronel José F. Blanc

Em goso de licença, encontra-se entre nós, acompanhado de sua ex.^{ma} familia, êste nosso estimado amigo, digno comandante do Regimento de Infantaria n.º 8.

José Gonçalves Pena

Estêve há dias nesta cidade, dando-nos o prazer da sua visita, êste nosso presadíssimo amigo e dedicado correligionário.

Desastre e morte

A' hora do nosso jornal entrar na maquina, chega-nos a infausta noticia de um grave desastre ocorrido numa bomba de tirar água de pôço, do quintal do Sr. A. Penafort e de que foi vítima a menina Natália Alves Guerreiro, de 7 anos de idade, filha querida do nosso presadíssimo amigo e indefectivel republicano Ex.^{mo} Snr. Herculano Pereira Guerreiro, Alferes de Infantaria 13.

Acompanhamo-lo na profunda dôr que lhe fêre o seu coração de pai amantíssimo.

Penha

E' hoje visitada esta formosíssima estância de repouso e turismo pelos redactores do nosso celega e dos mais importantes diários do norte «O Primeiro de Janeiro» que ali realisam o seu annual almoço de confraternisação. Sejam benvindos.

Encadernador

António da Costa, antigo encadernador, participa a todos os seus amigos e clientes que continua a receber as suas presadas ordens na rua Egas Moniz n.º 44, onde tem a sua officina.

Doentes

Tem experimentado sensiveis melhoras da enfermidade que há dias o vem retendo no leito, o nosso querido amigo e dedicado correligionário Snr. Padre Alfredo Correia.

— Em casa do seu conhado, o nosso bom amigo e prestante correligionário Snr. Augusto Pinto Lisboa, tem estado algo encomodado, o Ex.^{mo} Snr. Joaquim Correia, comerciante portuense.

— Ha bastantes dias que guarda o leito, bastante enfermo, o nosso estimado amigo Snr. Avelino de Araujo Dantas, empregado comercial.

— Encontra-se quasi restabelecido da enfermidade que o tem retido no leito, o nosso presado amigo e correligionário Snr. Miguel Ribeiro Guimarães.

Associação de S. M. Artística Vimaranesse

Convite

São convidados os sócios desta colectividade, a reunirem em Assembleia Geral extraordinária, no próximo domingo 16 do corrente, pelas 10 horas, a fim de apreciar o parecer dado á proposta da Direcção, para a alteração de alguns artigos dos Estatutos, pela Comissão que para êsse fim foi nomeada. Se não comparecer número legal de sócios, fica dêse já convocada a reunião para o dia 23 à mesma hora, funcionando com qualquer número de sócios.

Guimarães, 12 de Junho de 1929.

Atelier de Chapéus para Senhora e Criança

Maria do Ceu Mendes Silva

Rua de S. Damaso, 89 GUIMARÃES

Quinta do Termo

Santa Maria de Infias—VIZELA

Vendem-se os móveis e mais objectos nela existentes.

Para tratar na mesma, mas só nêstes três dias por o encarregado da venda ter de retirar.

Professor de Violino

Lecção na sua casa ou em casa dos alunos.

Para informações:

Casa das Gravatas

ATELIER DE VESTIDOS E CHAPEUS

DE

Maria Emilia da Fonseca

Rua da República, 91

GUIMARÃES

ANUNCIO

Aluga-se ou vende-se uma casa de habitação com quintal, água encanada e luz electrica, situada na Rua Trindade Coelho, n.º 41 e 43, desta cidade.

Para tratar na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves — Rua da República, 85.